

FOSTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Fase.

ANNO I

AGOSTO DE 1934

NUM. 2

Neste numero :

Prosas de: Tasso da Silveira, José Muricy, Brazilio Itiberê, Adelino Magalhães, Porfirio Soares Netto, Enrique Bustamante y Ballivian, Andrade Muricy, Barreto Filho, Silveira Netto, Carlos da Veiga Lima, Aluísio Rocha.

Poemas de: Mansueto Bernardi, Lacerda Pinto, Guilherme de Castro e Silva, Godofredo Filho, Eugenio Gomes, Rafael Barbosa, Pinheiro de Lemos, Carvalho Filho.

Referencias a: Schwob, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Gilka, Cecilia Meirelles, Murillo Araujo, Ribeiro Couto, Attilio Milano, Portinari, Sarah Vilella, Alighieri, Einstein, Villa-Lobos, Freud, Turguenew, etc.

Desenhos de: Correia Dias, Renato Silva, Sarah Vilella.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

ANNO I
NUMERO
DOIS

FOSTA

RIO DE
JANEIRO
AGOSTO
1934

Revista de Arte e Pensamento
2ª Phase

o amor nú, ao centro do mundo

"Dixième station. — Dépouillement de tout le temporel. Jesus n'est plus qu'un être grelottant: l'Amour nu au centre du monde".

(RENÉ SCHWOB).

O Amor nú ao centro do mundo: nunca, Senhor, a intelligencia deslumbrada achou expressão mais lucida e mais limpida para designar, em plenitude, a tua divina realidade.

O Amor nú ao centro do mundo: fôste-o, não apenas naquele teu decimo passo doloroso, como te viu Schwob.

Mas em toda a extensão da tua vida humana.
Em toda a extensão dos seculos e dos milenios.
Em toda a extensão da tua eternidade.
Já o eras no ventre da Virgem-Mãe,
quando até das mais pobres e frágeis forças humanas ainda estavas despido,
mas conhecias o teu destino na Terra
e infinitamente o aceitavas.
Já o eras na crèche humilima,
em que na tua infirmitade de recém-nascido encerravas
o infinito de misericórdia
que te trouxera ao lôdo do planeta.
Foste-o plenamente
nos teus trinta annos de vida occulta,
em que a chama do teu desejo
e da tua ansiedade
Ocultava-se
sob o veu da tua longanime paciencia
aos olhos desavisados dos homens.
Foste-o plenamente
a cada instante do teu caminho do calvario.
Ante o beijo de Judas, que te entregava.
Ante o throno de Pilatos e a grita de odio dos que
te acusavam.
Amarrado ao poste da flagelação.
Sangrando sob a corôa de espinhos.
Vergado sob o madeiro.
Pregado á cruz.
E, morto enfim, no tumulto novo de José de Arimatéa.
Mais do que isto ainda: continuaste a sé-lo pelos milenios afóra.

Porque te deixaste ficar, mais despido do que nunca, entre os homens inquietos, — até o dia derradeiro.

Por toda a superficie do planeta miserrimo, no misterio dos tabernaculos innumeraveis, estás, neste mesmissimo instante, em tua postura de sempre:

aniquilado, por amor, até ao mais infimo da tua criação: nú, ao centro do mundo...

E em torno a ti, em todos os sentidos, os homens agitam-se, perdidos.

Ha, sim, os que te adoram.

Pobre minoria, porém, para a totalidade de que tens fome!

E mesmo no coração dessa minoria,

que solidões polares,

que solidões frias de amor

em face da infinitude do teu desejo!

O amor nú ao centro do mundo...

Sem duvida que já o eras no scio do Pai Eterno,

quando, desde toda a eternidade,

concebias — Verbo creador — o mundo

que irias remir depois...

E se-lo-ás para todo o sempre

porque para a tua divindade

o passado é o presente eterno...

Não é bem remorso, Senhor,

não é bem remorso o que sinto

quando me lembro de que a minha voz

estava entre as dos que te injuriavam no Pretorio

e clamavam e pediam

a tua condenação.

Não é bem o arrependimento.

E', antes, ódio e ironia.

Sobretudo ironia, Senhor, oh, uma tremenda e impiedosa ironia

contra mim mesmo.

Contra o absurdo da minha miseria e da minha cegueira,

contra o absurdo espantoso da minha corrupção.

Porque, Senhor, acima de tudo, eu era ridiculo, immensamente ridiculo.

Voltava-me contra meu interesse suprêmo.

Contra o que era mais eu mesmo do que eu mesmo.

Voltava-me contra a gloriosa eternidade que me oferecias,

contra a plenitude de alegria,
contra a plenitude de espirito,
contra a plenitude de ser que me querias dar...

Eu não direi, Senhor, aos ouvidos dos homens, os pecados tremendos que me perdoaste.

Porque deles não deve ficar memoria escrita.

E nem tenho coragem de relembrar os golpes de vergasta que dei nos teus membros desnudos,
os golpes de martelo com que fixei tuas mãos na Cruz.

São esses os pecados que fazem referver o odio em meu peito

e cuja lembrança momento a momento afogo no mar de tua misericordia.

Mas ha, Senhor, os que são puramente risiveis, os a que eu chamava os meus pecados da intelligencia

e que eram simplesmente os pecados da minha obtusidade infinita.

Esses, Senhor, me fazem rir de mim mesmo.

Fazem-me rir surpreendentemente, até cairem-me lagrimas dos olhos.

Assim, quando eu te negava, Senhor, de cima de minha insuperavel sapiencia.

Quando eu concedia generosamente que tinhas sido um individuo interessante, um curioso philosopho, um sonhador.

Quando eu paternalmente corrigia para melhor as tuas lições de vida e de sabedoria.

Quando eu desculpava, atento ao tempo em que viveste, alguns dos teus claros exageros e dos teus erros de visão...

Uma vez, Senhor, escrevi um poema de escarnio sobre os teus sacerdotes e a tua Igreja.

Ai Senhor, era o inimigo que me ironisava.

Porque tomava daquilo que eu mais amava,

a minha musica,

a minha capacidade de belleza,

o meu ritmo,

para emprega-lo ás avessas,

como o demente que se servisse de um vaso autilavrado

para as suas necessidades mais obscuras...

Usar, Senhor, justamente,

para deprimir as tuas grandezas gloriosas,

— a grandeza serena da tua Igreja,

a grandeza profunda das almas que escolheste para te servir, —

dos mesmos dons de que magnanimamente me dotáras para que eu fôsse um "diferente" na Terra, um "diferente" no teu sentido:

em direção a Ti!

Usar, para isso, do meu canto — do canto que me déras como deste o gorgocio aos pássaros,

como deste aos anjos as harmonias celestiacs

— para glorificar-te!

Usar, para isso, da lucidez creadora do meu espirito,

da agudeza dos meus sentidos, que eram antenas altas captando a belleza dispersa das coisas, do meu sentimento da fôrma purissima, do meu sentimento das sonoridades inéditas, do meu dom de descobrir os pensamentos surpreendentes

e as imagens translúcidas!

Senhor, eu me rio, eu me rio, de ironia e de raiva contra mim mesmo.

E, lembrando essa historia magnifica de estupidez e de ridiculo,

e evocando, sem querer, os abismos dos pecados de treva,

eu, em espirito, desfaço em pó, rastejo,

aniquilo-me interiormente,

desconheço-me,

nego-me,

para que possas passar sobre mim, sobre o meu nada,

deixando bem vivas, na poeira inutil, as marcas fundas dos teus pés divinos.

E, então, Senhor, que me fazes surgir na cabeça tonta

a lembrança deliciosa-dolorosa

de que, mesmo a esse tempo,

mesmo nas horas mais infames

da minha carne e do meu espirito,

Tu estavas presente, junto a mim,

misericordiosissimamente!

A lembrança de que, Senhor, jámais me abandonaste.

De que, nos peiores instantes, lançavas tua mão em meu encaço.

Porque eu, ás escondidas, após o discurso irreverente ante a assembléa satisfeita,

ia á capelinha de Nossa Senhora da Gloria de Curitiba,

para exercer a devoção antiga

que minha Mãe me ensinou,

e que foi a dádiva mais preciosa

que dela tive até hoje,

porque representa agora

a minha esperança infinita

de salvação.

A lembrança de que, Senhor,

jámais me abandonaste,

porque na hora do pecado horrivel,

eu te via, Senhor, eu bem te via

misericordiosissimamente

junto a mim,

repetindo-me, com a magua infinita nos olhos,

o que os teus labios divinos tinham dito para todos os homens dos milenios vindouros pelos caminhos abençoados do sagrado torrão.

E diante de mim, Senhor, ficavas

em tua postura de sempre:

— nú, ao centro do mundo! —

Tu, o Amor, que desceras

do seio do Pai Eterno

e que o homem inquieto

desconheceu...

como o alexandre conta a morte do tigre

— Enquanto Nhô Porfio s'invorvia c'o armoço e o resto da camaradage roçava o matto da barranca, p'ra armá o póso, nós com Nhô Vadô e Nhô Izldio inventemo de dá ua batida ali por roda, p'ra vê se caçava argua immundicia, p'ra janta, que nós tava sem carne fresca.

Nós tava junto dum barrêro, já fundo de tanto bigitado, e a rastaiada da immundicia fazia antãoce, no chão, aquella lama, de tão pisoteado. Tinha rasto de tudo e onçe tamem tava, esparramado, fresquinho, o rasto dum brutão de tigre, p'rall de grande!

Sortemo metade da cachorrada, c'o Pintado, tierêro mestre e c'o Pretinho. Nem bem afroxemo as guasca das coléra, já teve tudo de fucinho no chão e fizeram um semelante entrevêro, que cada quar farejava o rasto d'ua immundicia.

De repente escuitêmo um latido secco, e já vimo o Pintado se pinchá no matto e já o Pretinho de atrais, e o resto da guapecada e se foram fazendo um guajú de mir inferno!

Nós, com Nhô Vadô e Nhô Izldio, não quizêmo ficá com muita lúis de atrais, e se finquemo tamem, alli, melo emburtado c'os cachorro. Mais foi de barde, que já topêmo c'um repêcho de chão, e já parô-se n'ua trepada braba serra arriba, e c'om póco tava ansim d'impé!

A cachorrada foi que se foi por o costão da serra, e nem subêmo mais o rumo que levava, que nem ganço s'escutava mais.

De certo não ficava muito ingraçado, vortá p'ro póso, ansim, c'as mão vazia e fiquemo, por ali, bobeando atôa, em percura d'argum nambú, macuco, ô jacú véio, tempos esquecidos.

Nhô Chico, qué vê? quando a gente tá torto... Nem ua tiglitica appareceu, e eu já tinha inté dado p'ra nada a tar caçada, quando senão quando fomo escutando, lá p'ro póso, ansim, c'as mão vazia e fiquemo, sardeado d'um cachorro que c'um póco já teve amludando no descambe, e p'ra cá e lá se foi, costão abalxo, rumo Rio Bom.

— Hê! Nhô Xando! T'ahi o bicho, disse Nhô Vadô. De certo é argua Cambucica, que o cachorro levantô do ninho e vem trazendo nos enontro!

— Mais por o geito da corrida, pôde bein sê argum Virá cabortêro, que vem querendo s'escapá do cachorro. Mecê arrepare como vem escrevendo a corrida por o matto, disse Nhô Izldio.

— Não que sim, Nhô Izldio. Mecê quags que tem rezão, mais bamo attendê o cachorro, que aquillo é de certo argum tigre matrero que vem correndo forgado e baralando a corrida, p'ra n'ua vorta, ô netra manoteá o cachorro e passá por os peito... Oie! Eu não disse, o cachorro tá barroando, de certo é o cachorro Pintado. Bamo attendê.

Mais a corrida indiretô ôtra veis, Serra abalxo, em percura do Rio Bom, p'ra pará ôtra veis, mais adiante. Mais agora o cachorro não barroava, acuava firme e seguido. De certo era alimar de unha, e tinha atrepado. Nós tinha corrido um eito e paremo p'rassumptá p'radonde se devia attendê.

O matto adonde nós tava, tinha raleado bastantinho e o sor antãoce fazia aquellas réstea, aqul, ali, ná clarêra que encadeava um póco a vista da gente.

De repente, n'ua réstea, branqueô aquelle burto arvação, que varô de verêda, relampeando de réstea em réstea, sarvando por riba as galada secca e as tóceras de crissiuma, inté garrá o matto e se sumi no serradão.

— Êh! pucha lo tigre graúdo, Nhô Xando! disse Nhô Izldio, melo amarellão e com cadas ôlo ansim. Lá se foi o cachorro véio, e nós no matto sem cachorro, não tamo mais é bem!

— Não dexemo s'escapá aquelle côro bonito...

— Qu'esperança! Por balxo d'aquelle côro bonito, tem tigrô, e sem cachorro... Em ante que elle vorte, bamo simbora, Nhô Xando. Mecê fica Nhô Vadô?

— Home Nhô Izldio, tô c'ua inclinação-zinha d'simbora tamem!

E de certo iam e o que valeu foi o Pintado; ganiçô duas veis no Taquará e cùm póco já teve varando ali junto, de fucinho no rasto do tigre. Cachorro immortá!

Tamem não preguentei mais nada. Me finquei no rasto dos dois e fui abrindo matto, meio c'o facão, meio c'os encontro, que na corrida ás veis não tinha tempo de picá. Mais não corri muito, que já escutel all pertinho a acuacão firme do Pintado. Era num bibocão escuro, fêlo, surno, c'um matto cerrado d'ua veis!

Só s'escutava aquella roncarada, que nem trevoada que vinha de toda banda, sem se sabê dadonde, de mistura c'o alarido do cachorro, barroando de veis em quando e acuan-do sempre, fazendo aquelle azuadão crué na cabeça dum christão!

Não se divurgava nada d'ua veis e foi perciso chegá bem junto, p'ra, mal e mal, enxergá o reboliço do cachorro no matto mlúdo, confronte a boca d'ua tóca, no melo d'uns pedregulão. Estumei o cachorro e foi só quando elle deu aquella chegada na porta da tóca, que eu mcreci batê c'os ôlo naquella caraça, frangida, cáquelles ôlo amarello, pregado ne mim, sem s'importá c'o cachorro. Enquanto eu percurava enxergá a immundicia, que dantes que ella já tava me seguindo c'a vista e esperando de certo a horinha de pulá ne mim.

Eu tava sem os companheiro que de certo tinham s'estraviado, sem espingarda que Nhô Vadô tinha, só có meu facão, nunca tinha m'invorvido com semelante immundicia que tava, que dantes, me negaciando.

C'a minha chegada o cachorro de certo

s'encorajô e deu de fazê uas agachadas, uas micages, confronte do tigre que fol embra-becendo e se ansiando, que eu tava vendo, p'ra sartá em riba d'élle, ô de mim.

Lá n'ua horinha foi aquella agachada braba e já errô uns manotaço no cachorro e nem bem chegô na porta da tóca, já foi ôtra e outra em riba, que o alimá tava incrinado p'ra pegá o cachorro! Mais decerto cançô um póco e entrô na tóca; e não vortô.

Maginei antãoce, Nhô Chico, de chegá mais junto da tóca, que, quem sabe, tinha ôtra sahida, e fiz menção d'i p'ra frente, quando o cachorro maginando de certo que nós la garrá o bicho á unha, chegô de verêda e fol entrando espotico por a tóca a dentro. Mais tamem não demorô muito que já foi aquella barbaridade de bufo e ronco e gritalada do cachorro e já enxerguei o Pintado que vinha s'imbolando, por o chão, p'ra s'escapá, c'aquelle bruto de atrais, errando botes em riba d'elle. Meio escuro como tava, e n'aquelle mattinho rastêro e cerrado, não se enxergava nenhum supricante, e só aquelle reboliço, que tanto tava aqul, como ali, como lá, que o bicho era vê corisco! De repente ficô tudo quieto!

Lá em riba da serra vinha despontando o rumô do resto da cachorrada, descambando p'ra nossa banda, e me veio um nadinha de

n o t a l



DANTE é a Idade Média, com toda a sua alma profunda e complexa, que exsurge, no subito clarão de uma synthese surpreendente, quando la alvorecer a Renascença.

Na hora do "retorno á Idade Média" de Landsherg e Berdiaeff, a figura do cantor maior do mundo assume um sentido novo de symbolo.

corage; mais adonde tava o Tigre? Senti, Nhô Chico, corrê aquelle frio doido, por o fio do lombo e o coração s'incoiê. Adonde tava o Tigre? Foi Deus estralá um gaio secco, ansim per'ua banda; já vinha o marvado surdindo sutirzinho de baixo d'uma gaiada, in-crinado á me pegá de trahidoria!

Enfrentei o bicho, có facão preparado, mais amôde que já achei meu facão pltoquinho e levianinho d'ua veis!

Mecê se alembra, Nhô Chico, que quando eu desembalnhava meu facão ficava meic intimidado! Pois fiquei sem fé e, de certo, sem sangue, e foi me dando aquella ansia na boca do estambago, fui ficando c'a vista baraiada, que em veis de um tigre eu já tava vendo dois, e de certo ia ficá mais inda.

Se eu fôsse piázinho, de certo intê fazia feio, Nhô Chico, cáquella vontade que me deu de bradá por Nha Mãe p'ra me acudí.

Foi quando appareceu ôtra veis o Pintado, melo latindo rôco, melo ganindo, co'a pella da cara deperdurada p'rua banda, tapando uns ôlo, mais acuando toda vida.

Mais o bicho nem olava que os ôlo era pôco p'ra mim, e vinha mudando os pé, um que ôtro, de vagarinho, rente c'o chão e quando parô já foi p'ra dançá nos quatro pé, felto gato p'ra sartá no passarinho e all, já annexo d'ua veis!

De repente, meio que entre-parô, encartuchô e deitô as oreia p'ra trais, repuchô a pellanca da testa e os ôlo, que ficaram como dois riscó; deu de arregaça a belçama e amostrá aquelles dentão de doê na gente, e sortô dois bafo. Ia pulá ne mim de certo, Nhô Chico!

Chupel a pella da barriga, fechei os ôlo, espetei o facão de ponta p'ra diante e intê senti a dô das unha e dos dente do alimá!

Arregalei antãoce os ôlo e já vi o bicho a meia distancia da tôca arrecuando de vagarinho, sem tirá os ôlo de mim, sortando de veis emquando um bafo, c'a cára repuchada, fazendo menção de mordê, e quando defrontô a boca da tôca, mandô um tapa no cachôro, que mereceu desvla, e se pinchô dentro da tôca.

O bicho de certo teve mêdo de mim Nhô Chico! Como fiquei balente! Não sei se por via do rumô da cachorrada que já vinha perto, ô se por mêdo mesmo de mim, vi u'as duas veis elle se amostrá na boca da tôca, relanceá os ôlo por o matto com feição de querê se guasqueá, e levá pr'elle aquelle côro lindo.

C'um pôco, deu de chegá cachorro de toda banda e serrá tudo, acuação confronte á tôca. C'aquillo, c'a sclisma qu'eu tava e p'raproveitá aquelle corajão barbaridade, que me deu, me pinchei p'ra frente, froteei c'o facão por riba da cabeça e... E bamo cachorrada! Agarra Pretinho! Pega Pintado e se fomo tudo emburtado p'rentrá na tôca.

Mãe de Deus, Nhô Chico! Nossa Sinhora! O que entrô ficô e já foi aquelle esparrame no resto da guapecada e aquelle burto que passô como um relampo, que mar tive tempo de negá o corpo e levá este braço, como p'ra de-

fendê a cabeça e que ficô ansim, todo lastimado e pelo sim, pelo não, fui dando vorta e vorta, pinchando como um desesperado, gorges de facão, atôa, em derredô, pegasse onde pegasse.

O que sim, é que só abri os ôlo, c'aquelle grito doido de cachorro, e foi um só! Não pôde gritá mais o pobre do Pretinho, c'a garganta atorada e o tigre em riba, mastigando a cabeça de sartá os miôlo e os ôlos!

Não demorô muito que o Pintado veio, c'aquella pella dependurada tapando um zôlo, querendo defendê o Pretinho, foi cahi nas unha do marvado!

Eu vi, Srs., o cachorro vélo, ganindo de dô, ainda abocanhá a pella da garganta da Immundicia! Cachôro balente! Cachôro Immortá!

Tamem não lerdeel, Nho Chico, e em ante que o marvado estraflagasse o cachôro vélo, cheguei de verêda c'a ponta do facão na mála grande do sobaco da banda de amuntá e imbainhel intê o cabo! Já debruçô ali mesmo ciscando, deitô de banda, deu dois tranco e não ciscô mais!

Quando vi, Nho Chico, o supricante, defuncto, espichado a fio comprido, alli no chão, e me alembrel que elle tinha sido o causadô de tudo aquelle estropicio, e que agora não podia nem rebatê o Pintado que tava xarqueando c'os dente a pella das costia d'elle, fiquei levianinho e parece que andava bem um parmo por riba do chão. E fiquei antãoce atrevido, Nhô Chico, que cheguei a batê c'a ponta do pé na defuncta!

Que vontade que me deu de ri, cantá, dançá e já batí parma, me pinchei p'arriba e desandel nua tyrana gostosa em derredô do defuncto. Mais tive de me assentá, porque me deu ua vontade de se ri, se ri, se ri de não podê mais pará e tamem já desandô n'ua tremedêra cruê de batê os quexo, que nem porco brabo a chaqualá os osso, que nem ma-leita! Dei antãoce, pra suá em bica por todo corpo, sem geito, que a rôpa ficô de trocê.

— De certo foi do braço que inda tá sangrando e de certo tava doendo como os mir inferno! disse o chico Gordo.

— Naquelle sufragante eu não senti, mais despols que esfríu um pôquinho, barbaridade de dô cruê! O que sim é que eu nunca tinha aloitado com semelante immundicia! E agora, dáqui pra diante, se não fô por obrigação, por devoção, — p'ra divertí, não tem perigo!

— E' um alimá desabotinado, e só gente demente do juiso é que vae semetê sem necessidade c'o elle, disse o Izidro.

— E' ua immundicia perigosa, disse o Alexandre; o Pretinho foi mastigado; de costia de fóra tem uns par, e destripado tamem; e antãoce xarqueado e lambendo ferida, pelo matto, onde quê, s'encontra. E, Nhô Chico, mecê vá ponhá meisinha no seu Pintado, que bem precisa e bem merece, que é um alimá Immortá de bom!

O couro do tigre (era uma enorme cançuá fêmea, cujas têtas cheias de leite, indi-

cavam que estava de cria nova), tinha sido já tirado pelo Cyrino e pelo Baptista que estavam começando a estaquear. A carne foi xarqueada em mantas finas, côr de rosa, cobertas de uma gordura muito clara e delicada. E' uma carne muito fina e de excellento paladar.

Como viram, o Alexandre em sua descripção nunca fez uma accusação aos pessimos companheiros que tivera, nem lhes lançara em rosto sua covardia.

— Porque Mecê não fels percuração dos tigrótinho? Que bão de nols levá p'ra casa, p'ra brincá c'as criança.

— Dadonde Nhô Chico! Despols d'aquella barbaridade de pelêa, com semelante bicho desabotinado, i percurá mais sarna p'ra se cocá!...

— Mais Nhô Vadô, que tava c'a espingarda, e Nhô Izidio, c'a daga, bem podiam i, era só Mecê bradá por elles...

— De certo se tinham estraviado, ô seguilo o rastro dotro tigre, porque cansei de bradá por elles...

— Hê! ha! Tamem com Mecê, Nhô Xando! Quem le ôvi falá, hade magná que nós não tava all annexinho d'uma veis! Pois nós, com Nhô Vadô, lá ia dexá Mecê p'ecê sozinho? Eu tava all, all, de cavallo na forquia d'ua tatajuba, cá daga na mão, percurando a immundicia de geito, p'ra me pinchá em riba d'ella, e antãoce era aquelle destrago!

— E eu antãoce, quetava de acavallo no gaio d'ua Cabuína grossa, c'os dois cão da espingarda ingañado! E era só a immundicia amostrá o sangradô, que c'os dois tiro junto disparado á tavalêra, era aquella desgraça!

— Home, não que sim se elle merecesse vê a daga na mão de Nhô Izidio e a espingarda c'os dois cão armado na pontaria de Nhô Vadô, Nhô Xando intê pegava elle a unha de tanto medo de Mecês!

— Oie Nhô Chico, adonde hôte home balente, hade sê como nós, mais balente não! Não paga a pena a gente sê gavola, Nhô Chico, não é Nhô Vadô? Aqui de longe, perto do fogo, no melo da camaradage e o bicho lá no matto, não hai esse que não conte ventage e não seje balentão! Quero conhecé o cabôcro de caracú, mais lá no matto, c'aquelle despropósito sorto, dando c'aquelles bufo feio, legêro e violento, como um corisco, e o cabôcro vélo destrompldo, ali de corpo presente, como nós! Não é Nhô Vadô? Não é Nhô Xandô? Isso sim é que balentia! Mecê antãoce, Nhô Xandô, peleá c'aquelle desabotinado, só de facão, já passa de maluqueza. é p'ra lá de despreposito!

— E mecês que não quiseram se maluco, fizeram papé de guapêca, deixando Nhô Xandô p'ecê sósinho.

O Alexandre nada dizia. Era um valente e, como todo o valente, generoso.

Sertão do Alto Ivahy.

(De "Viagem ao Paiz dos Jesuitas").

P O E M A S

enchente de são miguel

Em toda a estancia para-se rodeio.
Ha quinze dias que se reclusa.

Os tropeiros, brutais, saíram campo fóra
e com gritos selvagens atropelam
para as estradas toda a gadaria.

De quando em quando, com saudade da querencia,
o gado emperra. Quer voltar. Tenta uma fuga.
Mas uma força rude o arrasta de roldão.
E assim vêm vindo aos poucos, vêm rolando,
numa desordem crua e fragorosa,
ramos, raizes, folhas, flôres, ninhos.

Sob o impulso dos enxurros, entre espumas e borbulhas,
rumoreja tudo junto nos caminhos sem tapumes,
tudo junto se confunde no estuario do Guaíba.

Muitas rezes se estraviam nos recôncavos barrentos.
Outras batem, horas e horas, insistentes como doidas,
contra os blócos de granito quadrilatero do cais,
contra o casco alcatroado e flutuante dos navios.

Ha quinze dias,
que tudo é agua sob o céu cinzento.
Que fuzila e troveja a espaços, com estrondo.
Que as enxurradas se despencam dos lançantes.
Que o sol não rompe o denso véu das nuvens.

Ha quinze dias,
que a aluvião predatória investe e pilha o pampa.
Que os despojos da pilhagem em tumulto procedida
pelos rios sanhudos e rapaces,
vêm de arrasto rebolando no rebojo da caudal.

Ha quinze dias,
que, como tropa triste quando vai para a charqueada,
com ar soturno, sobre as aguas turvas,
a caninho da barra passo a passo, vai marchando
a longa, lenta, lugubre leva dos aguapés...

MANSUETO BERNARDI

conversão

Quando ajoelhei no templo augusto
E pude enfim orar,
Tinha em meu coração ansioso e resolutivo
Uma esperança fremente
Que viera, lentamente,
Que viera ali como um pássaro pousar.

Foi então que de novo se acendeu,
No fundo da minha alma que sofria,
Essa lampada clara cuja flama esmorecera
E se apagára um dia.

E, nêsse instante, eu sou de novo uma criança,
A repetir, entre as nuas paredes de um quarto pobre,
A voz materna, iluminada de confiança,
Que um infinito de paz ao meu olhar descobre.

Se eu não voltasse a ser, Senhor, aquele pequenino,
Não seria colhido nas malhas de ouro da vossa rêde
E não teria saciado, na fonte do vosso amor cristalino,
A minha enorme sede.

LACERDA PINTO

duas canções

I

NOCTURNO

A noite afundou no concavo da terra.
.....
O luar frio
tem arrepios de luz
na agua fria dos rios.

O vento que sópra, de vez em quando,
traz violões vibrando,
num som prolongado de bordões.
Ao longo das ruas se estira
uma procissão de arvores paralyticas.
E as serenatas somnolentas
câem aos poucos no fundo do silencio.
.....
(Um gallo propheta cantou a morte da sombra).

E a noite se pôz,
com os cotovellos pretos apoiados na montanha,
a decifrar o silencio indeciso
das estrellas angulosas...

II

ANONYMATO

O mundo é tão grande,
que se eu me deitar ao comprido no chão,
ninguem tropeça em mim, não.
O mundo é tão grande,
que se eu me esconder,
por mais que procurem,
ninguem ha de achar-me.
Que quando eu morrer,
eu sei,
ninguem me presta attenção...

GUILHERME DE CASTRO E SILVA.

edições novas

Livraria José Olympio—(Rio)

Miguel Reale — O ESTADO MODERNO — Liberalismo, fascismo, integralismo — N.º 1 da collecção: "Problemas políticos contemporaneos — vol. de 250 paginas.

Plínio Salgado — O SOFRIMENTO UNIVERSAL — N.º 2 da mesma collecção — 240 paginas.

Humberto de Campos — LAGARTOS E LIBÉLULAS — Crônicas — 2.ª edição — 296 paginas.

Humberto de Campos — SOMBRAS QUE SOFREM — Crônicas — 2.ª edição — 290 pags.

Humberto de Campos — MEMÓRIAS — 1.ª parte — 5.ª ed. — 400 pags.

J. Ralph — CONHECE-TE PELA PSICANALISE — Tradução directa do Inglês por José Almeida Cama'go — 2.ª edição — 300 paginas.

Plínio Salgado — A VOZ DO OESTE — Romance-poema da época das bandeiras — 280 pgs.

REVISTA BRASILEIRA — N.º 2 — Agosto de 1934 — Direcção de Baptista Pereira. Esplendor sumario. Política, economia, letras, sciencias, arte, variedades. — 336 paginas.

Editora Piratininga—(S. Paulo)

Mário de Andrade — BELAZARTE — Contos. O maior livro de Mário de Andrade.

n o t a 2



TURGUENEV

O contacto de TURGUENEV com a alma ocidental não sacrificou, nessa tão original organização litteraria, o amago puramente russo de que, no fim de contas, provêm as paginas mais curiosas de "Fumaça" e de "Um punhado de fidalgos".

Por outro lado, Ivan Turgenev realisa essa sympathica obra de humanidade que é a de estabelecer, em sua litteratura, um vinculo de comprehensão entre a alma russa e a alma verdadeiramente européa: o que significa um traço decisivo de civilização.

tranquilino medita

— Nenhum acontecimento historico, com seus respectivos heroes, vem ao acaso, sem sua *utilidade* no momento. Elle é sempre relacionado com outros acontecimentos, anteriores, contemporaneos ou futuros, na execucao de um programma de evolucao, representado pela procura de um equilibrio entre as expansoes das diversas faculdades humanas.

A Historia deverá ser encaminhada no sentido de se procurar a sequencia, o entrosamento dos acontecimentos que se corrigem, que se completam, que se harmonizam em sua diversidade.

Não ha época atrazada, ou de decadencia, ou infeliz: o que ha, em taes tempos, é o predominio de certos factores necessarios para o advento de outros, á custa dos quaes a humanidade gozará de um novo equilibrio instavel com um passo avante senão para sua felicidade, pelo menos para sua menor desdita. É um processo lento, cujas phases acabam todas, afinal, por se referirem através do tempo.

Isso explica por que não perduram nem as "más", nem as "bóas" épocas: ellas nada significam por si.

— A religião, na phase inicial de qualquer sociedade, satisfaz ás mais imperiosas necessidades do homem, quaes sejam uma "explicação" dos phenomenos naturacs e de sua genese, assim como uma imposição superior das leis moraes. Ella forma o universal ambiente dessas consciencias nascentes: e o seu espirito vital.

Vão evoluindo, naturalmente, os grupos humanos: as cosmogonias e certas exterioridades moraes se modificam, a pouco e pouco. O mysterio da natureza e dos mundos persiste porém: outrosim, o mundo interior, na creatura, toma-se de umas delicadas nuanças cuja origem não se pode enquadrar evidentemente na phenomenalidade objectiva...

Não se extingue, portanto, por extemporaneo, o sentimento religioso nas mais cultas sociedades: evolue apenas, como um paradoxal clarão do Mysterio, a apparentar um albor cada vez mais definitivo...

— A civilização é um jogo de reativos: é um sabio controle ao fanatismo e á degenerescencia do absoluto, em qualquer coisa. É a esthetica do *quantum satis*...

O selvagem se distingue por uma atordoante mescla de defeitos e de qualidades, levados ao exaggero: mata, e recebe com extrema hospitalidade; é ladrão, ingenuo, assaz carinhoso com as crianças, desinteressado... Curioso porém é que, entre os povos policiados, existem outrosim verdadeiros attentados contra a harmonia de qualidades, dosa-

das cada qual em sufficiente gráo, e que de tal fórma constituem a civilização: assim um anachoreta da primeira Idade Média, ou um daquelles esturdios artistas da Renascença, ou um materialissimo yankee de hoje é, no sentido do equilibrio das faculdades humanas necessarias para a funcção social, quasi tão perniciosamente barbaro como o tartaro, o africano, o amerindio...

Por outro lado, o grego-classico e o francez nos apparecem como os mais approximados paradigmas do que deveria ser o conjuncto humano.

— Até certo ponto, pôde-se asseverar que, mesmo nos assumptos graves, os escriptores de ficção só podem emitir opiniões que sejam agradaveis ao publico em geral.

É que elles são os mimosos da grande massa ledora, e sentimental: assim qualquer opinião aspera que dellas saia, qualquer realidade de pensamento mais nua, desacreditam-nos implacavelmente no que elles de mais nobre apresentam: isto é, na grandeza d'alma!

— O homem ama o lingoquo, sonha o homem sem cansar com o que, no espaço e no tempo, se *prolonga*: — é-lhe profundo, sem duvida, o instincto do infinito e da eternidade.

— É necessario que o espirito interesse ao espirito. Por isso é que, no cansaço da intelligencia, acha-se máo todo auctor: não pelo auctor, pela sua inferioridade real, em maioria dos casos; mas sim porque nosso espirito fatigado não se interessa pelo espirito de quem quer que seja.

— Como em toda acção condemnavel ha uma parte de sacrificio, que é combater o individuo contra o instincto consciencia, resulta que em vezes muitas o viciado se sente um tanto á vontade, algo heroico mesmo, perante a propria Moral!

— Muitos homens não têm propriamente um instincto de moral; um fervoroso idealismo da Moral. O que elles desejam, é possuir uma moral: pretendem que suas acções estejam dentro de um systema ethico qualquer.

Fazem questão de estar vestidos: pouco lhes importa o material ou o feitio da roupa.

Ficam ansiosos para que um "moralista" lhes venha tornar em acção *decente* qualquer dos defeitos ou dos vicios delles!

rythmica brasileira

Paraphrascando o Evangelho, poderia dizer *que a principio era o Rythmo*.

Porque é elle quem realiza o milagre de transfigurar no cerebro humano, os sons agglomerados sem logica, numa entidade esthetica.

Não preciso encarecer o interesse do rythmo na musica moderna, não somente como elemento pittoresco, mas como factor biodynamico, correspondendo ás tendencias actuaes da nossa sensibilidade.

A magia da velocidade, a ancia de annullar o espaço, a impressão subconsciente das cacophonias ruido-motoras e todas as inquietudes allucinantes da alma moderna, carecendo de fortes derivativos sensoriaes — crearam em nossa sensibilidade uma predilecção accentuada pelos movimentos rapidos, pelo dynamismo musical e sobretudo pelos rythmos syncopados.

Pelas suas origens raciaes e pelas suas tendencias psicologicas, a rythmica brasileira é uma das mais ricas e das mais complexas do mundo — e tem para a formação da nossa musica um interesse vital tão notavel como o elemento propriamente melodico.

E estou certo de que, além do seu valor essencial, um dos motivos da forte impressão causada na Europa pelo Choros 8, de Villa-Lobos, por exemplo, reside no imprevisão do elemento rythmico — desconcertante, syncopado e barbaro, para o europeu.

Para mostrar o interesse que despertou na musica universal, basta citar o "Octeto" de Strawinsky, em que ha um trecho rythmico perfeitamente brasileiro, calcado em Villa-Lobos, e a "Rapsodia in Blue" de Gershwin, com um motivo central cheio de uma honesta reminiscencia da "Canção Sertaneja", de Lorenzo Fernandez.

Do ponto de vista physiologico, considerando o som um méro agente physico, como o calor ou a electricidade, bastaria citar alguns exemplos classicos de laboratorio, praticados por Haller, Dogel ou Montanelli, ou ainda as experiencias feitas in-loco, atravez de candomblés e de macumbas, por esse pesquisador de talento que é Mario de Andrade — para mostrar a influencia do rythmo sobre o systema nervoso, circulatorio, ou sobre os musculos locomotores do homem.

Poderia agglomerar exemplos de erudicção facil e exhibicionista, desde a flauta de Orpheu até o caso da bailarina hespaniola com os bons frades da Inquisição.

Mas tudo isso é tão velho e tão rançoso, que eu prefiro ficar dentro da vida.

E vou contar, muito de industria, um caso que se passou com o escriptor Gastão Penalva, em Paris, e que me parece tão eloquente como uma experiencia de laboratorio.

Certa vez, por volta do anno 1900, durante a sua viagem de circumnavega-

ção, Penalva e outros guarda-marinhas escaparam de Toulon para Paris, na ancia de pisar a terra firme dos boulevards.

Chegaram tarde e para os moços, aquella hora da noite, um repouso não seria nada aconselhavel. Resolveram, pois, afundar a sua virtude num cabarei chamado "Olympia", que era o mais famoso da época.

O "Olympia" estava duma tristeza ossianica. No ambiente convencional, os "cris d'admiration" não conseguiam animar aquellas almas blasés. E uma orchestra de "tziganos" arrastava no ar gosmoso os spasmos do "Danubio Azul".

Subito, Penalva descobre a um canto uma creoula authentica de Madagascar — locejando o seu tedio da civilização, como uma onça enjaulada.

E uma nostalgia da alma brasileira, do samba, das serestas ao luar, invadiu-lhe a alma de moço. Pediu licença ao chefe da orchestra, abancou ao piano e começou a tocar de mansinho o "Brejeiro", de Nazareth.

A um appello ancestral, a creoula, que estivera em Manãos no tempo da horrachia, saltou no meio da sala e começou a dansar um samba irresistivel. Mil annos de sangue africano percorriam suas veias, como uma lava incandescente.

A principio, o exotico estonteou aquella gente pacifica. Mas aos poucos, o tan-tan insistente, foi produzindo o seu effeito, — martelando, se infiltrando no sangue, lubrificando o sexto sentido transmittindo aos musculos locomotores um desejo vivo de contorsões syncopadas...

Por um milagre do rythmo, aquella fauna internacional se transformava, de subito, numa *roda de samba*.

E a orchestra de "tziganos" não tocou mais essa noite...

Mas a complexidade da rythmica brasileira é tão grande, que seria necessario um longo ensaio para mostrar em todas as suas modalidades a sua influencia hypnotica, genesica ou simplesmente euphorica, sobre a vida vegetativa do homem.

Isso desbordaria da questão esthetica, e seria mais um assumpto da Biorythmica, sciencia em que se empenham os doutores allemães, e mais avançada que as realizações de Jaques Dalcroze no campo da Eurythmia.

Ha vinte annos, eu tomava lições de piano com Léo Kessler, homem de cultura e musico intelligente, cheio duma viva curiosidade pela nossa arte adolescente.

Um dia perguntei-lhe como achava

que se devia iniciar os alumnos de piano no estudo dos rythmos brasileiros.

Kessler ficou perplexo.

Ponderei-lhe que a eurythmia não era sempre uma qualidade innata. E que, sendo a nossa rythmica cheia de subtilezas, era commum o caso de alumnos laureados sentirem difficuldade em dar com precisão uma peça brasileira.

Fiz-lhe, então, essa affirmativa ingenua:

— Só ha um meio... Faça os seus alumnos estudarem os tangos de Nazareth.

Vinte annos depois essa affirmacão está de pé. Até hoje, que eu saiba, não houve um estudo systematico, coordenando os elementos da nossa rythmica, desde as percussões barbaras e rituaes até certos caprichos da syncopa, que pretendem escapar á graphia.

Luciano Gallet iniciou esse trabalho intelligente e, com certeza, o realizaria si a morte não o tivesse surpreendido.

De sorte, que acontece essa cousa paradoxal: — *A fonte mais completa de estudo da rythmica brasileira ainda é Ernesto Nazareth*, um musico popular.

Nas suas duzentas composições en-

n o t a 3



SIGISMUNDO FREUD domina esta hora como uma força elemental que libertou, de subito, os movimentos cegos do subconsciente humano, mantidos, atravez dos millentos, sob a pressão das mais diversas disciplinas.

O homem moderno está diante de uma esphyngue, que Freud acordou do somno secular.

E a humankindade de amanhã, se quizer sobreviver e conservar intactos os valores eternos do espirito, terá que decifral-a...

OS POETAS E OS POEMAS

Livro da verdadeira duvida!

Houve tempo em que se falou muito em "passadismo" e em "passadista".

Passadista significa, hoje, como sempre, retardatario por carrancismo, commodismo ou incapacidade de tornar-se permeavel aos fluidos vitales do seu tempo. O francez chama-lhe *pompier*. O nosso "medalhão" não exprime bem a nuanca. Lendo o "Livro da verdadeira duvida!", de Attilio Milano, tão forte foi a sensação de passado que tratei logo de vêr como distinguir esse poeta dos chamados passadistas. Terminada a leitura, o caso ficara esclarecido.

Leitura curiosa. Das mais curiosas que se possam fazer, na nova literatura do Brasil. Caso *interessante!* Ha um perfume do Seculo XVIII tão singular, naquella livro, que não ha evitar a surpresa. Até de Seculo XVII. Por excepção. Attilio Milano está longe de personificar typo do "parnasiano renitente vulgar", de Linneu... ou de algum outro naturalista. Nenhuma falsa emphase, nenhum intelrimento vocabular, nenhum tropicalismo facil... Attilio Milano é um arcade, um classico. Sem chinó. Muito homem de hoje, mas com a amargura amavel, a ironia insinuante, da gente de elegancia disfarçadamente desenvolva e aggressiva daquelles tempos. Não posso deixar de lembrar José Albano, esse um camonista nato e de estranho anachronismo, de estro camoneano puro, authentico, transviado nesta epocha tão *excessivamente con-*

temporanea... José Albano, hellenista e quincentista, afinal tão justificavel quanto os maravilhosos pagãos-novos da Renascença. Assim, hoje, Attilio Milano! Arcade ou não (não insisto na qualificação para evitar os eternos mal-entendidos da pseudo-cultura), é elle o melhor epigrammatista neste circulo de horizonte. Todos os dons proprios. Boa linguagem, sem os apuros affectados dos chamados "classicos" das rodas de mau philologismo e da pretenciosa grammatiquice, que, de tempos a esta parte, se têm querido sobrepôr aos verdadeiros guardiões da lingua, seus authenticos creadores, fautores exclusivos da estabilidade relativa do idioma, que são os bons escriptores, aquelles que têm estylo e expressão, e não são apenas "correctos". Attilio Milano tem o traço acerado, de excelente tempera. Sensibilidade exaltada, natural nos satyricos, e entanto de penetrante humildade quando sua inspiração entreabre o dominio secreto da vida affectiva. "Mea Culpa" e "Fala do misantropo" dizem duma grande delicadeza viril de alma. E', porém, em poemas como "Posteridade" e "Tenho vontade de ser poeta lirico" que se affirma o satyrista flexivel e rapido. E em tantos "epigrammas" propriamente ditos, "Parnasianismo", entre outros, é um modelo do genero, de alto plano intellectual, de expressão realzada e propria. Sempre, está dito, dentro de visão *antiga*, e não *passadista*.

Poemas novos

Guilherme de Castro e Silva

Esse poeta viu na poesia um jogo, que o encantou e seduziu precisamente pela sua gratuidade, aspecto amavel, convidativo e repoussante da obra de Arte. Quando as primeiras revelações da sensibilidade esthetica vieram encher-o de alvoroço o ambiente que primeiro contemplou valia por uma fundamentação completa desse ponto de vista.

Era o modernismo posterior á sua phase turbulenta, recolhendo as primicias de suas sondagens e explorações na ordem do rythmo, do colorido, que se consolidavam na lingua fresca, nova, polida, que parece ter sido a mais definitiva conquista do movimento moderno. A reacção modernista obrigou as poucas individualidades que a ella sobreviveram á criação de uma lingua, á valorisação dos seus vocabulos, com um peso e uma cor para cada um, phenomeno que, já iniciado para o Autor de "Toda a America" naquillo que se refere ao puro brilho da forma exterior, adquire toda a sua expressão definitiva na intrinseca verbalisação de Francisco Karam.

Essa gratuidade da obra de Arte, todavia, é um tanto perigosa e talvez apenas de apparencia. O prazer desinteressado, facil e tranquillo da criação é um equívoco de artistas incipientes. A arte, por fóra, póde ser harmoniosa; por dentro, isto é, na sua elaboração, é tormento, inquietude, presentimento, angustia, porque é a extracção de alguma cousa

MURICY

(Conclusão na pagina 16)

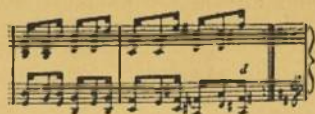
contram-se esparsos os elementos basicos do rythmo syncopado.

Pela homogeneidade dinamica e regularidade de forma, ha entre ellas verdadeiros modelos de iniciação rythmica, como o "Escovado", "Turuna", "Espalhafatoso" ou "Labyrintho".

Si em Nazareth não ha grandes desenvolvimentos thematicos, ou uma forte sciencia harmonica, elle possui, entretanto, um senso notavel de construcção rythmica. Encaixa as suas melodias em formulas especialmente regulares e quasi rigorosamente symetricas, (sem o caracter de reversibilidade das fugas de Bach). O ambiente syncopado nos dá uma sensação de perfeito equilibrio, porque as syncopas, pontuaes, não são empregadas á revelia: formam sistemas de uma precisão geometrica.

Si quizermos empregar para as formulas de Nazareth o processo de uma analyse mathematica, segundo uma estrutura numerica — tomando por base as distancias entre as accentuações rythmicas, obteremos, para quasi todas, gráficos regulares de uma curva sinusoi-

dal, como esse, applicado á segundo parte do "Nênê":

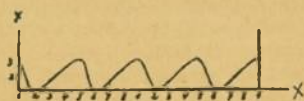


Accentuações rythmicas e os seus correspondentes numericos, tomados no eixo das abscissas:

1256 — 1256 — 1256

Intervallo entre as accentuações, tomadas no eixo das ordenadas:

3131 — 3131 — 3131



Pela sua transposição geometrica,

vê-se claramente que ha uma lei simples regendo o elemento rythmico ondulatorio.

A funcção sinusoidal revela a regularidade de forma e é uma consequencia logica do rythmo periodico.

Um trecho musical qualquer não terá absolutamente este caracter de frequencia.

E a insistencia dessas fórmulas, reduzidas ás vezes a schemas lineares essenciaes, como o "Tenebroso", dão a impressão de que elle as fez propositadamente para servir de estudo.

Ora, esse facto não deve surpreender a ninguem, que esteja habituado a beber no seio da terra e em contacto com o povo, os mais serios ensinamentos da vida.

Mas, si o caracter popular de Nazareth fosse um impecillo ao seu merito didactico — eu lembraria que algumas das suas composições poderiam figurar sem desdouro ao lado dos "morceaux en forme de poire", e de algumas pecinhas do repertorio nacional, atacadas de infantilismo congenito.

9 poetas novos do brasil

Poesia e nada mais. Pura poesia, o que não é a mesma coisa que a poesia pura do bom padre Bremond.

Nada de retóricas nem de preceitos. Liberdade ou libertinagem. Quando se trata de uma verdadeira mulher, o essencial é que viva. Que viva plenamente. O mesmo dá-se com a poesia. Por falta de liberdade, tinha a pobrezinha vivido encerrada entre tantas regras. Agora, salta livremente e faz o que quer. Que viva. E' isso o essencial.

A poesia destes poetas vive, assim, loucamente, com o direito próprio das coisas que valem por si mesmas. Que já eram antes de nascerem. E cada um a entende como quer. Si se mettessem a discutir, teria da polícia acudir. Não são gente que se deixe contradizer e cada um tem suas ideias, muito especiaes. Para serem expostas, necessario fazel-o em ordem consecutiva; isso, porém, na unica que elles acceitam, a alfabética.

Creem vocês numa arte nova, perguntaremos. E todos irão dizendo a sua fé... em poemas.

Haverá coisas muito differentes. Cultos oppostos de cultissimos poetas. Já hoje os poetas, além de fazer versos, sabem ler prosa, o que talvez lhes tenha feito perder o rythmo antigo, mas tel-os-á felto ganhar muitas coisas. Tantas como ganham com a falta de roupas as mulheres que alguma coisa têm para mostrar. Com esta falta de roupas que está na moda. Vão vocês ás praias e verão — alli ellas podem ser vistas por inteiro — por Intelto que algumas ficam muito melhor do que quando se encerravam no soneto de barbatanas do colete, e apenas mostravam o rosto, as mãos e os tornozellos. Essas, conforme Becker, e com classificação menos exclusiva, são *Poesia*. Aquelles que, fóra de toda retórica, dão a frescura de nossa vida ou a sombria impressão do mysterio que nos rodeia, são *Poetas*. Para as outras e os outros, yenhã vestidos e retóricas: não é para elles a poesia nua.

Nua em todos os seus aspectos, como está aqui. Se alguma vez faz retórica, ha de ser para despr-se em corpo e alma. Gilka Machado, a Cigarra do Fogo, que aqui figura por direito proprio, vem de hontem, porém é nova porque vae para amanhã. E se novidade se demonstra creando protestos pacatos, elles surgirão ante a nudez capítosa e tropical da sua poesia admiravel, que já na sua ultima obra, conservando o mesmo ardor — fogo de carne em voluptuosidade cosmica com nenhuma outra mulher comparavel — liberta-se da consonancia e da medida, e encontra a expressão propria.

Junto a ella, representando a mulher brasileira tão cheia de inquietta intelligencia e de espirital delicadeza, está Cecilia Meirelles. Claridade, ternura e anhelto por uma realidade irrelvelada e irrelvelavel.

Se aqui estivesse Rosalina Coelho Lisboa, pura intelligencia perdida entre as vans pompas parnasianas, teriamos todos os aspectos famininos da poesia brasileira, desde a accessa pela voluptua ardorosa do tropico. até á que vive com tranquillã ansia religiosa, com a

alma posta em ceus desconhecidos, em busca daquella visão de eternidade em que se resolve a angustiada interrogação do ideal.

"Si tu fosses humano, viveria tecendo carinhos e sedas para dar-te os trages prodigiosos da legenda", dirá Cecilia Meirelles. A Cigarra de Fogo, sob o olhar do amado, sentir-se-á "vestida de chammas", e verá "com todos os póros de sua pelle" a estremecer numa recordação de beijos.

A parte central entre as duas tendencias extremas, seria — para não chamar-lhe termo medio — a intelligencia. E bom é que não figure, porque a intelligencia está em pleno descredito para a poesia nua, como para a mulher. Ambas andam buscando em fontes mais fundas o seu destino.

Com estas notas femininas, harmoniosa companhia para os poetas, temos a variedade de tendencias do momento actual, em plena crise de rythmo e de rima, e em total liberdade sub-consciente de supra-realismo. A poesia agora, como nunca, universaliza-se.

O movimento literario e a inquietude intellectual levam para toda parte simultaneo e insaciavel espirito de indagação. No Brasil, a mesma intranquillidade. Escola, nenhuma. Maneiras, todas, até a infinita e varia differenciação da personalidade. Dentre ellas, o olhar penetrante de Tristão de Athayde distinguiu tres tendencias: o primitivismo, o dynamismo e o espiritualismo.

Essa classificação, com palavras menos syntheticas e mais facilmente comprehensíveis para publicos estrangeiros, está representada por aquelles que, com Mario de Andrade, buscam em São Paulo o subconsciente brasileiro, empregando regionalismos de palavras e de construção, e adoptando um tom que tem o seu modulo nas canções populares, tão ricas e originaes no Brasil. O dynamismo é uma applicação marinettista que, além das suas tendencias dynamicas e vitales, tende por vezes a buscar a unidade continental — continentalismo em Ronald de Carvalho, o mais alto expoente dynamista, — coisa que na literatura brasileira é novidade, si bem que no resto da America tenha sua origem nos romanticos e culminado em Chocano.

A tendencia espiritualista traz-nos, com o sentimento religioso da alegria de crear ou buscar um fundo sentido da vida, uma intranquillidade que está longe do fanatismo sectario, si bem que tenha profunda palpitação christã. Essa tendencia dá-nos a sua mais expressiva mensagem pelo grupo da revista *Festa*.

Terminada a visão de ideologia panorâmica, e para entrar nas personalidades, apresenta-se-nos, alfabeticamente, Guilherme de Almeida, poeta, grande poeta, em todas as escolas e em todas as fórmãs, dono absoluto de todos os segredos da musica e da côr. Desde "Nós" e do "Livro de Horas de Soror Dolorosa", até "A Frauta que eu perdi", "Meu" e "Raça", percorreu a escala completa do rythmo e da inspiração. Da sua ultima maneira dá impressão approximada o fragmento de "Raça", traduzido até onde é possível verter em outro idioma os seus polyphonicos em que as palavras reforçam effeitos de

som por meio de sabias aliterações, e em que — o som faz-se coloração radiante, ao ponto de tornar-se expressivo.

Ese rythmo novo que, segundo Athayde, Almeida "está realizando mais do que nenhum outro poeta brasileiro, é fusão do compasso natural instinctivo, evocação de côr e sonoridade, com o rythmo numerico do que passa". E essa entonação parece a mais propria para cantar certos themes nativos, nunca alheios da inspiração dos seus poetas, que já antes de 1800, com Basilio da Gama balbucia notas do proprio lyrismo brasileiro que encontraremos sob diversas fórmãs já realizadas com sello original em todos estes nove poetas.

Si a origem desse lyrismo pôde encontrar-se na suggestão poderosa da paisagem brasileira que suscitou a canção do exilio em todos os seus poetas, ao afastar-se desse cunho de maravilha, é em fontes mais profundas que a realidade se encontra. Nasceu o Brasil e fez-se grande pela capacidade de expansão e pela força de dominio dos seus grandes senhores ruraes. Não precisou tornar-se independente para ser nação.

Sem o auxilio da sua pequena metropole, repelliu as invasões estrangeiras e tornou em cunha enterrada nos dominios espanhoes; a linha recta do tratado de Tordeallas. Se o Imperio Incaico, de organização eminentemente agraria, soffreu desvio da sua economia debaixo do poder de Espanha, que fazia da cidade o seu centro de dominio, e das minas suas fontes de riqueza. No Brasil, como diz Oliveira Vianna: "extincta a febre dos

n o t a 4



MOMO PRECOCE, AMAZONAS, CHOROS 8, CHOROS 5, — são obras que fizeram ouvir uma voz diferente no mundo.

Uma grande massa selvagem, uma authentica força elementar, psychê duma formidavel elaboração ethnica.

Villa-Lopos é sabido de todos quantos, no Occidente, vivem a grande vida nos altos planos da musica.

No Brasil, os que o conhecem, respaltam nelle o primeiro creador em verdade autochtone.

mineiros, morrem de inanição os núcleos mineiros formados em torno das explorações auríferas e desaparecem de todo, absorvidos rapidamente pelo oceano rural".

Nesta absorção do homem pela vida do campo e nesta expansão dos clans rurais estão, com a formação nacional, as melhores fontes do lirismo brasileiro. E essa seria uma razão para que, como nota Athayde, emquanto "a actual poesia argentina é uma poesia de grande cidade, a brasileira seja de pequena cidade".

São Paulo, a cidade que no Brasil encarna melhor o conceito moderno de cosmopolis, não absorve os seus poetas. Como Guilherme de Almeida. Mario de Andrade só lhe aproveitou o pittoresco, o processo da sua formação no forno em que se fundem os elementos raciaes que tão maravilhosamente vivem em "Raça". Differem em que si em Almeida a phrase se faz musica, em Andrade, da musica popular provem sua poesia, do folklore a sua syntaxe, do povo paulista o seu lexico.

Quando se tem os ouvidos afeitos á melódica e suggestiva musica popular brasileira, os poemas de Mario de Andrade dão-nos a impressão de ser transposições literarias de seus temas melódicos: tanto a elle se ajustam que podem ser cantados, como foi o "Rondó para você", musicado por Lorenzo Fernandez.

Como a pintura moderna não é copiavel, a poesia actual está completamente afastada de uma possível traducção que se ajuste a todos os elementos que a caracterizam em sua forma original. Mesmo no seu proprio idioma, para senti-la, para comprehendel-a amplamente, necessita-se de um conhecimento de costumes e de toda a escala de valores regionaes que nella entram. O que um brasileiro encontra nos versos de Andrade, como acento evocador de sua entoação, é muito difficil que vibre em ouvidos estrangeiros. Tão difficil como si a elles chegara a impressão de um poema argentino que quizesse reflectir o colorido e o movimento de um "pericón"; um chileno, os de uma "cueca"; ou outro, peruano, a tristeza melódica de um "Yaravi" ou o contoneo harmonioso de uma "marinera". Póde arguir-se que as transposições de uma arte para outra são erroneas, porém na arte moderna si a pintura intellectual póde estar equivocada, a literatura não deve restringir-se aos seus classicos elementos e tem de apossar-se de todos os que contribuem para tornar mais expressiva a sua interpretação da vida.

O rythmo, sabio em Almeida, Carvalho e Murillo Araujo, syncopado em Andrade, espiritual em Tasso da Silveira e em Cecilia Meirelles, em Manoel Bandeira, tão acertadamente como elle proprio se qualificou, é — dissoluto. Maneira absolutamente pessoal que vae desde a simplicidade de "Teresa" e o humorismo de muitos dos seus poemas, até a Evocação do Recife", uma das coisas mais realizadas da moderna poesia brasileira. Com "Raça", de Almeida, "Carnaval carioca" e "Nocturno de Bello-Horizonte", de Andrade, este poema de Bandeira escapa á brevidade da poesia nova.

Se em "Raça" ha a riqueza de cor e a visão panorâmica, e no "Carnaval carioca", como disse Muricy, "um quadro muito alegre e movido, alta reportagem de um Morand, intencionalmente barbaro", na "Evocação do Recife" foram salvas as difficuldades do poema amplo e evocador, dando com a novidade do tom, do colorido e da emoção esse grande painel-sonata cheio de simplicidade e

de ternura, que nos penetra e domina, deixando-nos a retina deslumbrada e o coração estremeado.

Bandeira também rompe com a syntaxe classica e procura a maneira popular. Não quer "macaquear o portuguez lusitana". E nessa feição que é tão funda na realidade falada do Brasil que não seja friamente academico, como está comnosco a differenciação americana do castelhano, escreve os seus poemas. Os criticos por vezes protestarão.

Bandeira que tem pleno dominio do seu idioma, demonstrou com numerosos exemplos recolhidos nas mais altas esferas, que era esse o portuguez do Brasil. Apenas a prosa é menos indiscreta para revelar seus segredos. Até os documentos do Presidente Washington Luiz, de sólida cultura como todos os politicos brasileiros, levavam a syntaxe considerada revolucionaria... E ha casos em que a critica prefere calar-se.

Varia e rica a escala de Bandeira, tem em seu humorismo uma das características mais originaes. Humorismo doloroso e destructor, mas que ri até quando o medico ascolta ao poeta tysico. Riso moderno que esquece o dolente lirismo elegiaco que levou os seus antecessores para uma poesia doentia. O poeta ri, lá das alturas de Santa-Thereza, ante a visão maravilhosa do Rio de Janeiro que só abandona para breves escapadas á serra.

E esse seu riso cruel e sarcástico muitas vezes, ha de ter a sufficiente alegria para cural-o melhor do que o pneumo-thorax e a vaccina de Ferran. E por ella os microbios não terão esse admiravel campo de cultivo que são os poetas elegiacos.

Intelligencia clara, cultura humanistica, bom gosto depurado, tudo isso ha na obra multiplice de Ronald de Carvalho. Ensaista, historiador da literatura brasileira, poeta, diplomata, jornalista, em todas as suas actividades, no jornal como no livro, no poema como no seu alto posto no Itamaraty, põe esse seu personalissimo cunho de intelligencia fulgurante, de graça espiritual, de equilibrio harmonioso. E' a nota de toda a obra de Ronald, desde o symbolismo de "Luz Gloria" e o parnasianismo de "Poemas e Sonetos", até á liberdade de "Jogos Pueris", onde se unem a synthese dos hay-kay, uma morbidez ernerervada de tropico e um dom essencialmente objectivo que em "Toda America" toma entono épico colhendo o Continente com o processo viajero de kodak. E' uma impressão luminosa e cerebralizada dessa America juncunda e cheia de optimista visão futura, que já val passando, porque vemos bem claramente que temos a tristeza, não só da expressão propria, e a angustia de buscal-a, sinão também esse algo impalpavel que nos dá a inconformidade entre nossa cultura estrangeira e o ambiente nacional.

O continentalismo, como já annotei, tem os mesmos elementos de inspiração que em Chocano, unidos a uma technica mais nova, rapida e synthetica, de rythmo proprio, mas se resente de identica inspiração cerebralizada.

Interessa-nos, nesse continentalismo, a tendencia a unir todo o continente no mesmo amplo vôo lyrico, generoso de promessas, e isso por partir do Brasil que em geral se conteve na visão propria, e, si della sahíu, foi para dirigir os olhos para a Europa, sobretudo para a França, cujas correntes literarias influíam tão poderosamente na conformação da sua arte.

Differencia-se essa visão ampla e continental daquelle que em nossos poetas mais expressivos das ultimas tendencias, Vallejo, Peralta, procura expressão menos geral, na admiravel interpretação intima da psychologia serrana do norte do Perú, no primeiro, e no andinismo do segundo. No Uruguay, Silva Valdez, com o seu gauchismo pittoresco, que já pretende dar movimento de inspiração constructiva ao gauchismo ruivo, e Ipuche, com o seu gauchismo cósmico, si bem que não falem de continentalismo, talvez estejam mais proximos de uma concepção geral do mundo americano, tomando um a visão da paisagem e do homem com expressão nova, e buscando o outro o sopro animador da terra com um tom secco e vibrante que faz viver no pampa a mesma força mysteriosa que Peralta encontra nos Andes. E é que temos de encontrar a unidade continental — ha tão profundas analogias — afundando em cada um dos seus aspectos de alma, de paisagem e de formação social, melhor do que na rapida visão panorâmica, tão admiravel em muitos dos poemas de "Toda America", quanto na luminosa "advertencia" que neste livro traduzo.

Como Ronald de Carvalho, como Manoel Bandeira, Murillo Araujo evoluiu do symbolismo para uma mais ampla e moderna liberdade. "Penetrar-se do ambiente physico e espiritual do momento, expressando a poesia actual com a alma eterna. Vibração, synthese, colorido, naturalidade".

Esta, em poucas palavras, a esthetica de Murillo.

Quasi a mesma dos seus livros antigos, "Carrilhões", "A Cidade de Ouro".

Um fino sentido musical e uma rica escala colorista, unidos á evocação, são os elementos principaes do seu canto ao Rio de Janeiro. Não é o poema á grande cidade em todo o significado do seu conceito yankee. E' uma interpretação lyrica da paisagem inseparavel da belleza e da alma do Rio, é uma revivencia das passadas epocas imperiaes, que são o "perichollismo" do Brasil.

Em seus ultimos poemas é mais clara a poesia de cidade pequena, de bairro.

Como Ronald, como Bandeira, canta os suburbios cariocas, nos quaes põe, animando-lhes a visão, o trabalho e a vida.

Os negros, tão integrados na vida brasileira em que logo desaparecerão fundidos com todas as immigrações no crysol tropical, dão temas interessantes á poesia de Murillo Araujo. Seus ritos barbaros, as suas festas, são quadros de uma originalidade rude e vibrante. Já não é o negro pelo qual clamava a voz romantica de Castro Alves na sua lyrica batalha abolicionista. Não são, por outro lado, o negro e o mulato, cheios de tristeza humana que tão admiravelmente novellara Lima Barretto, mulato artista que afogou em amargura a sua vida triste e nobre.

Para Murillo, como para Pereda Valdez, do Uruguay, o negro é cor, exotismo, barbara nota suggestiva e estranha.

Do selvagem colorido da "Macumba", passamos ao "vago" cinzento de Ribeiro Couto. A' poesia das coisas humildes, as canto da aldeia.

A isso foi o penumbismo elegante que abandonou a cidade para levar ao campo a fineza de seu espirito, sua enfermidade, sua tristeza e sua cultura. Por isso viu a paisagem rustica melhor do que os poetas aldeões. A vida campesina fez-se mais pura, mais humilde, mais sosegada. Procedeu por contraste,

lyrica da bahia nova

poesia

Páro sob o enxame de fios
e as antenas que oscillam
no espaço
como brinquedos de creança.

É ólho o mar
que resmungam
aos sibilos do vento,
do vento que tróta
escutando
dispersando
as palavras do homem e as musicas da cidade,
no giro das ondas hertzianas.

É penso em ti,
ó pequenina onda desconhecida,
que fazes vibrar,
noite e dia,
as minhas antenas,
com as musicas de uma terra que não conheço
e os rumores de um mar que não vejo.

EUGENIO GOMES

carta

Tu ficarás na terra,
amigo meu.

E guardarás no fundo dos teus olhos
a lembrança dos meus olhos sofredores.

E póde ser que algum bebado se comova,
numa mesa de bar, de madrugada,
quando lhe contares
a historia vulgar da minha vida.

Dirás meus impulsos que morreram,
falarás de meus beijos assassinados,
recordarás meu sonho paralytico.

Olha: um sapo está gritando no silencio,
no silencio sem luar e sem estrelas.
Ensina esse gemido ao bebado
e digam vocês dois meu elogio fúnebre.

PINHEIRO DE LEMOS

como, agora, do consulado de Marselha. ha de saborear melhor a vida européa, que é para elle surpresa muito menor. Que não e seguramente nenhuma surpresa para a sua actual saude, gorda e optimista.

Os elementos da poesia de Ribeiro Couto são os mais simples. Com finissimo paladar esthetico. tem, como elle disse, "a audacia do mau gosto".

Foje dos themas poeticos, quér a vida tal como ella se lhe apresenta com a poesia do quotidiano, "Ama as coisas simples, a casa simples, tudo o que nella vive. A casa pobre. A humilde verdade".

E como ri suave e brincalhonamente daquelles que querem inventar a poesia de exaltação! A sua "Invenção da Poesia Brasileira" é um manifesto ás avessas.

Em Tasso da Silveira, as mesmas coisas humildes, apenas, agora, estremecidas por uma profunda inquietude religiosa. A que palpita em toda a obra de Tasso, como ensaísta e como crítico.

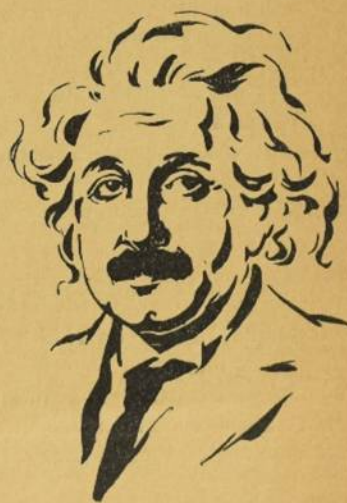
No prefacio das suas "Allegorias do Homem Novo", diz: "Sei que o meu sonho de arte é um estremecimento de alvorada e um momento de ingenua e profunda alegria humana, uma hora adolescente na minha vida de homem". Nesse desejo de uma alvorada que seja o accender espirital de novas verdades, está um dos mais interessantes aspectos da alma brasileira. A agitação política, a inquietude social são, devido a ella, menos intensas do que em outros países da America.

No Brasil mais do que a evolução material e a procura do tom exterior da civilização actual, anhela-se, por intermedio dos seus

grandes esp'ritos — como me recordo de Nestor Victor! — a realização de um fundo sentido humano, a crystallização de uma raça e de uma cultura, que já se notam palpitantes na subconsciencia brasileira. Essa é a profunda vibração generosa da sua obra, da qual Tasso diz: "emquanto os outros deixaram-se deslumbrar pela fantasmagoria da luz — são os poetas do pittoresco maravilhoso, da graça fresca, das pincelzadas surprehenderes, — eu desejaría "sondar em profundidade", para empregar uma expressão da critica proustiana, esta alma nossa, esta ainda obscura e mysteriosa almã de povo que vae surgindo do cahos, não sabemos para que formidaveis destinos. Sondal-a em suas palpações mais secretas, em seus abyssos de melancholia, em seus arroubos quasi mysticos, no seu espanto deante da vida, em sua capacidade de esperança, em sua religiosidade, em sua enorme resistencia á dôr". Quanta nobreza de intenção parallelá á de sua vida de homem, que conheci e pude saborear quando me dava a uma amizade incomparavel, nesse grupo de Festa, cuja camaradagem deixou tantas saudades em minha vida errante.

Saudades que se unem a de todos esses poetas da poesia nua, cujas bellezas houve de serem velladas com o traje impreciso das traducções, e com a vaga interpretação que só realiza um rapido schema da moderna poesia brasileira, através de alguns dos expoentes mais expressivos da busca inquieta, em que vivemos, de um rythmo, da côr, da harmonia e da linha em que palpitam o mysterio e a aúora, procurado e presentida.

n o t a 3



EINSTEIN pertencerá á linhagem dos destructores da certeza metaphysica? A essa pergunta responde Moritain, em "Reflexions sur l'Intelligence", com a analyse segura de sua theoria da relatividade. Einstein poderá, no maximo, destruir a physica classica, ou, antes, a expressão mathematica de suas leis, substituindo-a por um systema de expressões de um factor novo. A realidade que está para além da physica não poderia ser attingida por um tal incidente.

viagem

Perdi-me na noite sem fim.
Mar Morto navego das ondas imotas.

Na noite de estrélas vermelhas caíndo
perdi-me no mar.

Errei os caminhos, as retas deitadas
no plano sem dia.

Não sei que sentido me deu a viagem
sem mais te encontrar.

Não sei onde estás.

(São negras as flores que se erguem do mar,
são feitas do sangue daqueles que um dia
dormiram no mar,
as flores que eu quero).

Meus dedos que correm no lizo caminho,
meus dedos gastaram,
perderam-se todos
no lizo caminho.

São doze, são trinta?
Meus dedos sumiram.

Busquei a enseada das almas libertas...

e a sombra da Amada não pude encontrar.

GODOFREDO FILHO.

a profunda harmonia

Quando, unos pelas essencias dos nossos sangues e das nossas
[almas,
volvidos ao extase do silencio inicial dentro da natureza,
repousarmos na morte,
já não será a nossa angustia a busca da integração na nossa
[unidade,
por que então já estás em mim, por que então já estou em ti
[eternamente.

(Seremos na eternidade um bróto de vida pura.)

Fartos do mundo, fartos da vida e repousados na morte,
só ouviremos do mundo,
como unico rumor capaz de nos atingir,
o anseio e o apêlo de tantas almas que tumultuem prêsas
no interior de nossos ventres parados dentro da terra
— mortos! —

e em que a recompensa da morte purificadora não permitiu
[iluminassemos o milagre da vida.

Que a nossa vida e o nosso amor foram um grande tronco
[unico,
vivendo em profunda harmonia á força da seiva que raízes
[extremas
sempre sorveram fartas nas origens dos nossos sangues e das
[nossas almas,
sempre sorveram vivas, moveis e enlaçantes, em nossos corpos
[unanimos que nunca se repudiaram.

CARVALHO FILHO

arvore do natal

No dia em que eu nasci tu nasceste commigo,
ó arvore encantada!

No principio,
a tua alta coma esganhada de sol refulgia longe,
longe do meu olhar medroso e do meu braço curto
de maravilhado.

E os teus pomos de oiro e as tuas lampadas accesas
não os attingia a minha mão pequena,
a minha mão pequena e fina
— nervosa estrella de carne
a tremer
em cinco dedos de luz.

Adolescente, depois,
eu bebi de mais perto o teu fulgor com os olhos
e de mais perto ansiei os teus frutos doirados,
adivinhando-lhes o gosto e a maciez da polpa.

E — Homem — não me deslumbra apenas a visão
da tua fronde luminosa e loira,
e rio e choro á tua sombra esguia,
porque nasceste commigo e cresceste commigo.

E amo-te mais que outr'ora, hoje que as minhas mãos te
[atingem

e a minha boca sente, a um tempo,
a doçura e o amargor dos teus frutos possuídos
— ó arvore encantada do sonho,
ó arvore encantada da Vida!

RAFAEL BARBOSA

lyrica

da

bahia

nova

o golpe na cabeça

Aristoteles, depois da morte de Alexandre, malquistado pelos athenienses, exilou-se voluntariamente para a Eubéa afim de "evitar novo attentado á philosophia".

Desde esse dia era o pensamento levantado á altura de uma dignidade.

O segredo do prestigio e a maravilha do genio dos philosophos da era classica resultaram da integridade com que se dispunham a pensar. Só por isso explica-se a grande parecnça, nos pontos maximos, entre a philosophia pagã e a que existia latente no Christianismo primitivo.

Homens que pensam com extremos escrupulos de não faltar á verdade, pensam quasi sempre igual ou parecidamente, mas, como não é tendencia moderna meditar sobre o papel da integridade como principio das creações do espirito, a carreira das letras perde o prestigio dia a dia; nunca, entretanto, ao pensamento impoz-se, tanto como na hora presente, o dever de reassumir o posto de conductor do genero humano.

Estivesse o mundo no esplendor da vida especulativa e ha muito que o materialismo dialectico seria um trapo.

Elle, aliás, é o fim do plano inclinado da resurreição do nominalismo e principalmente do materialismo. Condemnaram a pesquisa das causas primeiras e finais; á sombra do determinismo, espedaçaram a responsabilidade; transportaram a relatividade para o campo dos universaes; desmoralizaram a pedagogia normal, primaria e secundaria; fizeram da Psychologia Experimental, em vez de auxiliar, rolo compressor da Psychologia Classica; e substituíram a Logica pela Mathematica e a Moral pela Sociologia.

E os vanguardeiros desta empreitada consideram-se, muito a sério, reformadores!

A Logica e a Psychologia Classica ensinam a pensar, a pôr em ordem os raciocinios, a falar a alta linguagem do espirito; mas, si assim era, o caminho inevitavel seria annullar-as de uma vez.

São essas disciplinas as alliadas naturaes da boa e sã dialectica, esta arte admiravel de bem falar e bem escrever, de bem traçar o mappa mental do pensamento, sem cuja observação fica o espirito na impossibilidade de criticar e esmerilhar as suas proprias idéas e de com segurança separar o erro da verdade.

A quem faltaram os exercéios da Logica e da Psychologia Classica, falta tambem a boa dialectica, o que é o mesmo que ficar reduzido a pensar para si só, mas principalmente a pensar mal.

Os nossos avós aprendiam Rhetorica, materia substituída mais tarde pelos

exercicios escolares de composição que era a Rhetorica applicada, por isso mesmo escreviam melhor e comprehendiam bem o que diziam e o que escreviam; hoje, com a condemnação da Logica e a compressão da Psychologia Classica, a dialectica fica reduzida ao terra á terra, ao banal, a simples antecamara do empirismo.

Deante disso, só ha concluir que, com todas as enscenações novas, a intelligencia está sendo desthronada, o homem desmoralizado e o materialismo senhor do campo.

Pudera! Em terra de cego, quem tem um olho é rei.

O golpe sobre a cabeça tem por fim immobilizar; assim se fez e está fazendo com a humanidade; esquarteja-se a Philosophia para tontear-a.

Quanta differença entre a attitude do Christianismo, depois do desabamento do Imperio Romano, commentando e decifrando Aristoteles, Platão e mais outros; e o materialismo de hoje, todo preocupado em mutilar a Psychologia Classica, em eliminar a Logica, em affirmar que a historia da humanidade é a de uma simples luta economica, e que a moral é um costume, como outro qualquer!

Até hoje não foi viavel civilização alguma que não houvesse seguido as pegadas dos estudos especulativos; tudo o que se aparta deste caminho é fragil e ridiculo, porque simples enscenação de fachadas.

Não seria, pois, extranhavel que, após o prestigio do materialismo, a propaganda açambareadora dos estudos praticos venoesse naturalmente, não tanto para com muita e indiscutivel razão alargar os horizontes economicos, como principalmente afim de desviar o espirito hu-

mano para a banalidade terra á terra, para a chateza, para o desprezo da sciencia verdadeira, para a inferioridade mental.

O materialismo dialectico, cujo primeiro artigo prescreve que moral é invenção de burguez afim de encadear o trabalhador, não encontrava, por isso, resistencia, uma vez que o pensamento havia aberto fallencia.

Do ponto de vista economico mas limitado á terra, sonho de difficil realização, mas sonho muito legitimo do Oriente patriarchal, o Bolshevismo encontrou no Occidente todos os tonicos de urgencia para viver de mais: crise de super-produção resultante da saturação dos estudos technicos, moral sociologica, desprestigio da philosophia e seus parentes.

Só por isso tem elle vivido, pois fosse elle realmente viavel, sem violencia aos pendores invenciveis da dignidade humana, e, ha dois mil annos, que o mundo o teria realizado.

Innumeras foram as suas tentativas falladas na Antiguidade e depois da Idade Media.

Decididamente que desta vez a humanidade attingiu á encruzilhada, donde só sahiria para a ruina definitiva, si o seu destino não fosse salvar-se.

Sooa a hora do drama, drama tanto mais doloroso quanto não falta quem pense que a solução é a de deixar-se esmagar para resuscitar depois... quando já estiver pobre.

E' doloroso o que se assiste; quando todas as pennas conservadoras deveriam convergir os seus ataques contra a amoralidade sovietica e dar de hombros á pretensão economica em cuja viabilidade integral na Russia ninguem mais crê; é precisamente este o lado da questão que mais as impressiona.

Não é possivel combater dignamente o Bolshevismo, perdendo o tempo com o comunismo da propriedade, mas principalmente inscrevendo-se na cruzada da intelligencia em torno da universalidade da moral.

A vida é uma surpresa constante; a ninguem é dado desafiar o destino; mas quando uma corrente do pensamento afirma que a moral é relativa, que não ha differença absoluta entre a queda e a ascensão, repete-se a fabula de Gyges, e ninguem faz mais caso de permanecer de pé.

Só varrendo do pensamento uma tão corrosiva these, é que será possivel encarar seriamente o problema brasileiro, garantindo-se a estabilidade da familia, em estatuto particular.

Não alimentemos illusões, ahí é que tem de começar o grande esforço.

Festa

Revista de Arte e Pensamento
2º PRASE

Assignatura annual . . . 10\$000
Estrangeiro. 5 dollars
Numero avulso . . . 1\$000
Numero atrasado. . . 2\$000

Correspondencia para

Andrade Murley
e
Tasso da Silveira

Redacção e Administração
RUA DO OUVIDOR, 141
Rio de Janeiro

DISCO

E RÁDIO



edições recentes

CÓRO

J. S. BACH: — *Paixão de São Matheus*: Coro de Bruno Kittel e Orchestra Philharmonica de Berlim, soprano Lotte Leonard, contralto Emmi Leisner, sob a direção de Bruno Kittel. Polydor ns. 66.720|1.

Em dois discos gravados pelo Còro de Bruno Kittel com os solos feitos por Lotte Leonard, contralto, e Emmi Leisner, a Polydor nos dá magníficos fragmentos da *Paixão de São Matheus*, obra extensa, de grandeza trágica e dolorosa.

Para os que não podem obter a edição integral de Victor, estes dois discos são indispensáveis, já pela beleza dos trechos que compõem o seu repertório, já pelo seu mérito artístico.

CANTO

WAGNER: — *Os Mestres Cantores*. Canto do concurso: tenor Franz Volker. — *Quinteto*: soprano C. Berger; contralto C. Ruziczka; tenor M. Hirzel; tenor C. Joken e baritono K. A. Neumann, com a orchestra da Opera do Estado, de Berlim, sob a direção de Leo Blech. Polydor n.º 35.586.

A comédia lírica dos "*Mestres Cantores de Nuremberg*" foi começada em 1862 e estreada em Munique a 21 de Julho de 1868. Wagner serve-se d'ella para pintar com muito realismo a vida íntima das velhas corporações. Retrata a si mesmo sob os traços de Walther, representante do canto livre, que se oppõe ao pedantismo e ao formalismo da escola.

O "Canto do Concurso" de Walther é um das mais bellas paginas dessa opera, toda ella feita de poesia e de contagiosa alegria.

Este disco brinda-nos com uma soberba interpretação do tenor Franz Volker, de uma limpidez inebriante. No reverso, temos uma outra bella passagem dessa opera — o quinteto — ao cargo de esplendidos cantores, ao nosso julzo, pela primeira vez apresentada em disco aqui no Rio.

VIOLINO

BEETHOVEN: — *Romance em Sol Maior* — Op. 40. Violinista: Ibolyka Zilzer, ao piano Manfred Garlitt — Polydor n.º 27.132.

Com uma interpretação cuidada da bella pagina beethoveneana, Ibolyka Zilzer collocase facilmente entre os melhores artistas do disco. Para isso não lhe faltam talento, personalidade e technica.

ORCHESTRA

SCHUMANN: — *Symphonia n.º 4, Opus 120*. — Eugene Ormandy e a Orchestra de Minneapolis — Discos Victor ns. 7.982 a 7.984.

Esta symphonia, composta em 1848, só foi

publicada em 1851, após ter soffrido varios retoques.

O que dá valor ás symphonias de Schumann, é, mais que a habilidade da composição, da escripta ou da orchestra — elle dar sempre a impressão de haver concebido suas obras para o piano, e de haver instrumentado em seguida, ás vezes com esforço — uma inspiração sempre imanente, um sentimento da poesia e uma elegancia da linha melódica em que elle é verdadeiramente inimitavel.

Eugene Ormandy, o novo grande maestro que a Victor apresenta á admiração dos phonophiles, tem sob suas ordens uma orchestra notavel e tira de seus disciplinados artistas todo partido possível, que lhe permite realizar uma obra de arte cheia de belleza e de refinada emoção.

Gravação excellente.

WAGNER: — *Crepusculo dos Deuses* — (Excerptos) — Leopoldo Stokowski e a Orchestra de Philadelphia, com o concurso de Miss Agnes Davis. Discos Victor ns. 7.843 a 7.847.

Proseguindo nas suas syntheses wagnerianas, o grande Stokowski concatenou numa suite orchestral as passagens de maior realce da opera com que Wagner termina o cyclo do "*Annel dos Nibelungs*".

E' um trabalho estupendo, este a que se tem dedicado ultimamente o grande maestro de Philadelphia e que constitue, sem duvida, uma das fortes razões para se abençoar a invenção de Edison.

Como é de sua praxe, a Victor, além da edição commum, offerece aos apreciadores das grandes obras musicas uma segunda edição em discos de longa gravação, isenta, portanto, das inconvenientes e irritantes interrupções para mudança de disco.

GRIEG: — *Concerto em Lá Menor, Op. 16*. Wilhelm Bachaus, pianista, e a Orchestra New Symphony, de Londres, sob a regencia de John Barbirolli — Discos H. M. V. (Victor ns. DB 2.074 a DB 2.076).

Este concerto, composto em 1875, foi executado pela primeira vez pelo autor nos Concertos da Gewandhaus, de Leipzig, em 1879. Frequentemente executado nos salões de concerto, pois figura no repertório dos grandes pianistas e orchestras symphonicas, varias têm sido as suas edições phonographicas. Esta, além, de ser a mais moderna e a que aproveita com maior felicidade os recursos da technica mais recente, tem como um dos seus maiores predicados a interpretação brilhante e autorizada de Bachaus, um dos poucos verdadeiramente grandes pianistas vivos.

Gravação soberba.

RAVEL: — *Rapsodie Espagnole*. Orchestra Lamoureux, sob a direção de A. Wolff. — Polydor, ns. 67.052 e 67.053.

Estreada em 1907, embora um de seus trechos — abanera, — date de 1895, a *Rha-*

psodia Hespanhola occupa entre as obras de Ravel, um lugar de justo destaque. Brilhante e vigorosa, ella reflecte, como "Heure Espagnole", como "Pièce en forme de Habanera" e como, mais recentemente, "Bolero", a fascinação que sente o notavel musico francez pela luxuriante musica popular iberica.

Entretanto essa exaltação não chega a destruir a pujante personalidade do autor, sempre preponderante e inconfundivel.

Esta pequena peça symphonica, que se houve com verdadeiro prazer, compõe-se de quatro partes: o "Preludio á noite" em que, por meio de sussurros cada vez mais complexos de timbres, a noite se annuncia, promissora de festas. A "Malagueña" oppõe dois ritmos característicos. Após o reaparelamento, no saxophone, do primeiro movimento, vem a "Habanera", que, primitivamente fez parte dos "Sifes auriculares". Finalmente a alegria frenetica da "Feria", com o jubilo popular á extravasar-se livremente.

Albert Wolff, regendo a orchestra Lamoureux, imprime á execução uma expressão vigorosa de sentimento artistico, passando do colorido suave do primeiro movimento ás cores fortes do final com uma mestria que lhe valeu obter, com esta gravação, uma das suas melhores contribuições para a Polydor.

PIANO

DEBUSSY: — *Estudos — Pour les cinq doigts* (d'après Mous. Czerny) — Etude Nr. 1 — Cahier I. — *Pour les Quarts* — Etude Nr. III — Cahier II. — *Pour les Sixtes* — Etude Nr. IV — Cahier NI. I. — *Pour les Arpèges Composés* — Etude Nr. II. — *Pour les sonorités opposées* — Etude Nr. X. Cahier II. — *Pour les agréments*. — Etude Nr. VIII. — Cahier II. — Pianista: Jaqueline Blancard — Polydor ns. 27.297/9.

E' indiscutivel que Debussy, pela sua maneira de tratar o piano como instrumento proprio a traduzir as alegrias íntimas e as impressões de cor, augmentou consideravelmente os seus recursos. Si as peças que escreveu, para esse instrumento, não conheceram um exito immediato, é, de um lado, porque offereciam importantes difficuldades technicas e, d'outro, porque surprehendiam pela novidade de sua linguagem. Mas, na verdade, surprehendem tambem pelas singularidades do stylo, pelo imprevisito dos accordes. E quando comprehendidas e interpretadas com exactidão, é difficil escapar-se ao encanto de sua atmosphera bem particular, de uma subtilidade e de uma poesia incomparaveis.

A's peças mais familiares aos phonophiles e aos dilettanti da musica a Polydor velu accrescentar os *Estudos*, acima indicados, finalmente executados por uma pianista franceza de grande mérito — Jacqueline Blancard, os quaes pela primeira vez recebem edição phonographicca.

artes plasticas

Candido Portinari

No Salão da A. dos Artistas Brasileiros teve Candido Portinari, ha pouco, a sua ultima exposiçào de pintura.

Premio de viagem da E. N. de Belas Artes, não perdeu elle lazeres em cousas estranhas á sua missào na Europa, e mais estudou do que produziu enquanto no velho mundo.

Portinari é um realizador da belleza aparte nos dominios artisticos, da belleza differente, exclusiva de qualquer vulgaridade.

Mesmo se nossa visào esthetica não seja accorde com alguns dos seus trabalhos, temos de reconhecer a intençaõ, que o orientou, de pôr-se á margem do commum.

E não é por acaso que o artista chega aos seus effeitos, por vezes inesperados para o espectador. Portinari, dono da sua technica, é um investigador consciante, dos processos pinturescos; sabe o que quer e amplia progressivamente os meios de expressào com a attençaõ meticulousa do clinico em seu laboratorio.

É um *faiscador* da originalidade artistica que, se não chegou ao ponto final do veio esthetico, e é demasiado moço para tanto, impõe triumphalmente seu modo de ser. É uma personalidade a mais a destacar-se entre os artistas mais notaveis da nova geraçào brasileira.

E não sómente o lado tecnico, a face material da arte, elevam o arcabouço da sua personalidade.

A technica é apenas o meio objectivo da expressào, de que o espirito é a força propulsora na concepção da obra de arte, a essencia de poesia de que o artista seja capaz. A laes qualidades Portinari acrescenta mais a preoccupaçào de fazer o que é nosso, na escolha dos assumptos. É o cunho da feiçào nacional atravez a expressào individual do artista.

Aspectos da *roça*, a humildade alegre dos povoados e das villas, que lhe vêm como tradiçào da sua propria infancia, numa evocaçào amavel, hão repontado nas suas mostras de arte e com deliciosa ingenuidade em figuras e paisagens. Assim a vida dos *morros*, caracteristico flagrante e popular da terra carioca. Deste genero destacou-se, na exposiçào, uma tela de maiores dimensões, de forte expressividade em planos, colorido e movimento, como outra de eguaes proporções — *O futebol*.

É a sensaçào nova, pela interpretaçào particularista que lhe dá o pintor, de velhas e conhecidos themas da nossa *urbs*, e que ainda uma vez consagra o seu alto merito de artista moderno. O mesmo thema, num pequeno quadro, parecia ali como reflexo lirico da poesia masculina do primeiro, com muita delicadeza de visào e de feitura.

Outro genero em que Candido Portinari, se vem affirmando superiormente em observaçào e processos de technica é o retrato.

As suas cabeças femininas, com a

epiderme plasmada num tom pallido de pedra polida, só por elle usado em a nossa pintura, têm alguma cousa de mysticismo a Botticelli. A figura do homem, de Portinari, nos reratos da galeria então exposta, dizem-nos intensamente do *caracter* na obra de arte.

O do Embaixador Carcano é uma obra admiravel de construcção e de vida pessoal; o de Felipe de Oliveira transpira vida interior pela fronte elevada e pelo olhar de meditaçào.

Igual força de psychologia marca a figura de negro, que se ostenta como obra prima, no bello certamen. Modelo difficil no desenho e no colorido, o artista venceu-o bravamente e ainda com uma nobreza de sentimentos que é de louvar-se.

É um negro que honra o vigor da raça e a linha moral do homem que sabe ser esteio social no meio que lhe é proprio. A *natureza morta*, representada tambem na exposiçào, e que se não nos deve dar uma impressào photographica do modelo, não se presta entretanto a *interpretações* arbitrarías, tem nas telas de Portinari a mesma mestria de execuçào. O nosso artista revelou nesse certamen innegavel ascensão, mormente no genero retrato. E não é de estranhar esse avanço em um estudioso e apaixonado creador de belleza artistica pela forma e pelo pensamento, pois que elle não sente apenas o lado objectivo da obra de arte; quer, como Henri Martin, "a pintura não unicamente pela pintura, mas servindo de expressào plastica de um sentimento ou de uma idéa".

A sensibilidade moça em que vibra o seu temperamento de artista apoia-se em normas meditadas e em ritmos novos, para chegar ás notaveis realizações que vão fazendo a sua gloria.

Da proxima vez trataremos de Brecheret.

Silveira Netto.

A arte de Sarah Villela

Diante dos quadros de Sarah Villela de Figueiredo, fico a pensar na phrase de Spinoza: "En toute chose l'excellent est autant difficile que rare". Quanto mais perfeita a arte da pintura, mais individual.

A *vaidade da pintura*, segundo a celebre frase de Pascal: — "Quelle vanité que la peinture, qui attire l'admiration par la ressemblance des choses dont on n'admire point les originaux", não é nem pôde ser justa. Confirma-se o conceito de Paul Valéry sobre Pascal "un homme intierement insensible aux arts".

A alchimia, a transmutaçào esthetica é uma funcção reveladora do artista. As coisas pintadas em si, pouco valem. A realizaçào esthetica é, de algum modo, uma creaçào original. O Chardin das naturezas mortas só tinha necessidade de "serrer de près les matières et les formes".

Vale tambem a opinião de Eugène Delacroix: "Le premier mérite d'un tableau est d'être une fête pour l'œil".

Assim a "Mascarada", de Sarah, com as



Sarah Villela (Auto-retrato)

suas sobrancelhas de velludo, os olhos cantantes, amorosos, tendo captado as scintellas dos sóes da Asia.

Advinha-se na figura a mobilidade mimetica dos traços, a exuberancia dos gestos, a nervosidade vibrante e sobretudo a apparencia exterior, um véo de pathetica nostalgia. Sarah fixa as nuanças da fórma. A "Mascarada" é um quadro mysterioso.

Pensa-se nos encontros magicos, nas longas trações preciosas, nas aventuras elegantes, no fantasma do amor.

Como todo artista, Sarah Villela procura mostrar a belleza das coisas, dahi a valde de das precedentes considerações estheticas. Pelo seu estylo grave, sério e escrupuloso, pela restituçào da fórma essencial da vida que representa o sér humano, pela arte do *retrato*, Sarah se revela uma artista corajosa e consciante! A riqueza da sua visào interior me foi demonstrada espontaneamente diante do retrato magistral do mestre Henrique Bernadelli.

O *métier* na sua accepção subterranea e espiritual é a licção que se guarda desta téla grandiosa.

O elemento organico, natural, predomina no julgamento essencial da artista. Penetrou-me uma impressào de silencio, de recolhimento, como se a arte fósse uma religião. As télas como os livros do antigo Testamento, segundo a palavra do Bossuet "se soutiennent de leur propre poids".

O senso subtil da differenciaçào das materias é o primeiro dado experimental que se individualiza no contacto que se tem dado com a pintura realista de Sarah Villela. A verdade objectiva resulta essencial na sua maneira classica de revelar a presenca mysteriosa das coisas na qualidade da sua belleza. Era evidente a affirmaçào singular das qualidades essenciaes da retratista. As differenciações materiaes se completam com a aquisiçào lenta das differenciações psychologicas que se vão notando com prazer nos seus ultimos retratos. O problema central da pintura é a restituçào da fórma essencial da vida que representa o sér humano.

Nem um outro é maior. A difficil arte do retrato "*la grande pitte du portrait*", que segundo Charles Du Bos, "est la honte de la peinture contemporaine".

Rio, 934.

C. da Velga Lima

profunda, através o mysterio da alma. Vi esse drama, que Thomas Mann se compraz em revelar, acontecendo nesse espirito alto e serio que é o meu querido amigo Alfonso Reyes: "para mi es un juego", diziam os seus labios evasivos, mas tudo nelle deixava transparecer o estado de suspensão, de melancolica aspiração, em que esse jogo o conservava. A poesia moderna, nas suas individualidades mais marcantes, como Karam, Bandeira, Tasso e Schmidt, renunciou á attitudo da gratuidade e do brilho, incorporando os seus achados, mas transpondo o limiar daquella atmosphera em que as cousas são graves e têm significações enigmaticas. Guilherme de Castro e Silva já vem tocado, nesses seus poemas, desse character serio. Não é apenas um virtuose, que assimilou a technica, o gosto, a attitudo dos poetas modernos; animando tudo isso, sente-se o impulso recondito, de uma alma que começa a ser violada pela realidade. A nota melancolica, que se encontra em *Presentimento*, em *Anonymato*, para citar dois poemas característicos, já se insinua mesmo no bom humor, na alegria pueril de outros, nos pondo em contacto com essa cousa commovente: uma alma diante do mundo, sendo penetrada, impregnada pela realidade, e compreendendo que admittiu em si um anjo que não permittte o repouso.

São tanto mais commoventes esses primeiros symptomas ou reacções dolorosas diante da vida, quanto essa reacção é dosada na sua medida exacta, isto é, sem excessos, sem que a imaginação lhe empreste repercussões inúteis.

poemas novos

(conclusão da pagina 8)

E' que essa alma tem muito pouco de romantica, no sentido de excesso sentimental ou mesmo sexual. Na idade desse poeta o sentimento, o amor, a magua, a tristeza são geralmente convencionaes, e reproduzem apenas as influencias de leituras, ou as vãs exaltações da actividade imaginativa. Aqui não; ha um recato, um pudor, que fazem desse incidente espiritual uma coisa seria, equilibrada. Não ha amor inventado, e poderíamos dizer, não ha amor, porque nos dois ou tres poemas em que o poeta se refere a uma mulher, o faz como um registro breve, sem importancia, preferindo não se antecipar ás experiencias que a vida naturalmente nos vae offerecendo e obrigando a provar. Mas as experiencias que elle já viveu, essas foram registradas com segurança. As suas reacções não têm excessos mas são promptas e vivas. Ingenuas, porque elle não tem segundas intenções, não constrõe um mundo differente daquello que vê, na perspectiva focalizada por um complexo de factores entre os quaes a sua pouca idade não é dos menos decisivos. O mundo de Guilherme de Castro e Silva é, naturalmente, sem esforço de construcção, aquelle que os infantillistas ou primitivistas se esforçavam por conseguir: um mundo animista, em que as cousas todas apparecem dotadas de uma especie de alma, projecção ex-

terior do que sômos interiormente. A physionomia desse universo é essa: a animação das cousas, por meio de processos variados, de que o poema *Insomnia* nos offerece dois optimos exemplos, com os "morros gordos de mais que se deitaram pesadamente no solo", ou com aquella "cascata que se joga com uma coragem incrível do alto de um morro enorme". E' claro que, muitas vezes, esses processos falham, e as cousas não se mexem nem executam acção nenhuma, porque a metaphora falhou, por banalidade ou excessiva materialidade na semelhança. Mas na maioria dos casos o poeta triumpho e acerta, conseguindo animar os morros, as arvores, as cascatas, reproduzindo com naturalidade um estado de espirito muito proximo da infancia, em face do panorama que os olhos avidos percorrem. Curioso, attento, vê-se que essa intelligencia procura defender a sensibilidade dos choques inevitaveis e constantes, pelo commentario e notação fugaz da realidade (o poema *Anonymato*, por exemplo é um exercicio de humildade, de acceitação do destino obscuro) ou mesmo pela sua deformação, que é uma fórma de responder com vantagem ás sollicitações exteriores.

O que ha sobretudo a louvar nesses poemas é a sobriedade, o equilibrio de um filão poetico insistente, através de todas as paginas, uma musica de meio tom que denuncia a presença da alma, ainda insegura, ainda timida, um pouco ausente, mas já impregnada de todos esses presentimentos e ressonancias proprios á atmosphera da poesia.

BARRETO

Banco dos Funcionarios Publicos

Fundado em 1890

Rua do Carmo - 59

(Séde Propria)

Capital (realizado)..... 10.000:000\$000

Carteira Commercial

Caução de titulos de real valor — Descontos de contas do Governo

Taxas para depositos

C/c Limitada 5 %

PRAZO FIXO

6 mezes	6 %	12 mezes	8 ½ %
9 mezes	7 ½ %	12 mezes c/renda mensal	8 %

PARA OS ACCIONISTAS MAIS ½ %

O Banco offerece aos depositantes inteira garantia, o dinheiro entregue á sua guarda é empregado em empréstimos aos funcionarios publicos federaes, com assistencia do Governo e cuja cobrança é por este effectuada, por intermedio das suas repartições, em consignações mensaes que constituem deposito publico.

Expediente Ininterrupto

(Das 10 ás 16 horas)

